

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXVI Volume

Redacção e Administração
T. do Convento de Jesus, 4 — Lisboa

30 de Agosto de 1913

Composto e Impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27 — Lisboa

N.º 1248

CRONICA OCCIDENTAL

Dia a dia, insistentemente, mais e mais, os alunos dos nossos estabelecimentos de ensino secundario e superior, reprovados na actual epoca de exames, continuam a solicitar ao ministerio da instrucção, uma nova epoca de exames no mês proximo de outubro.

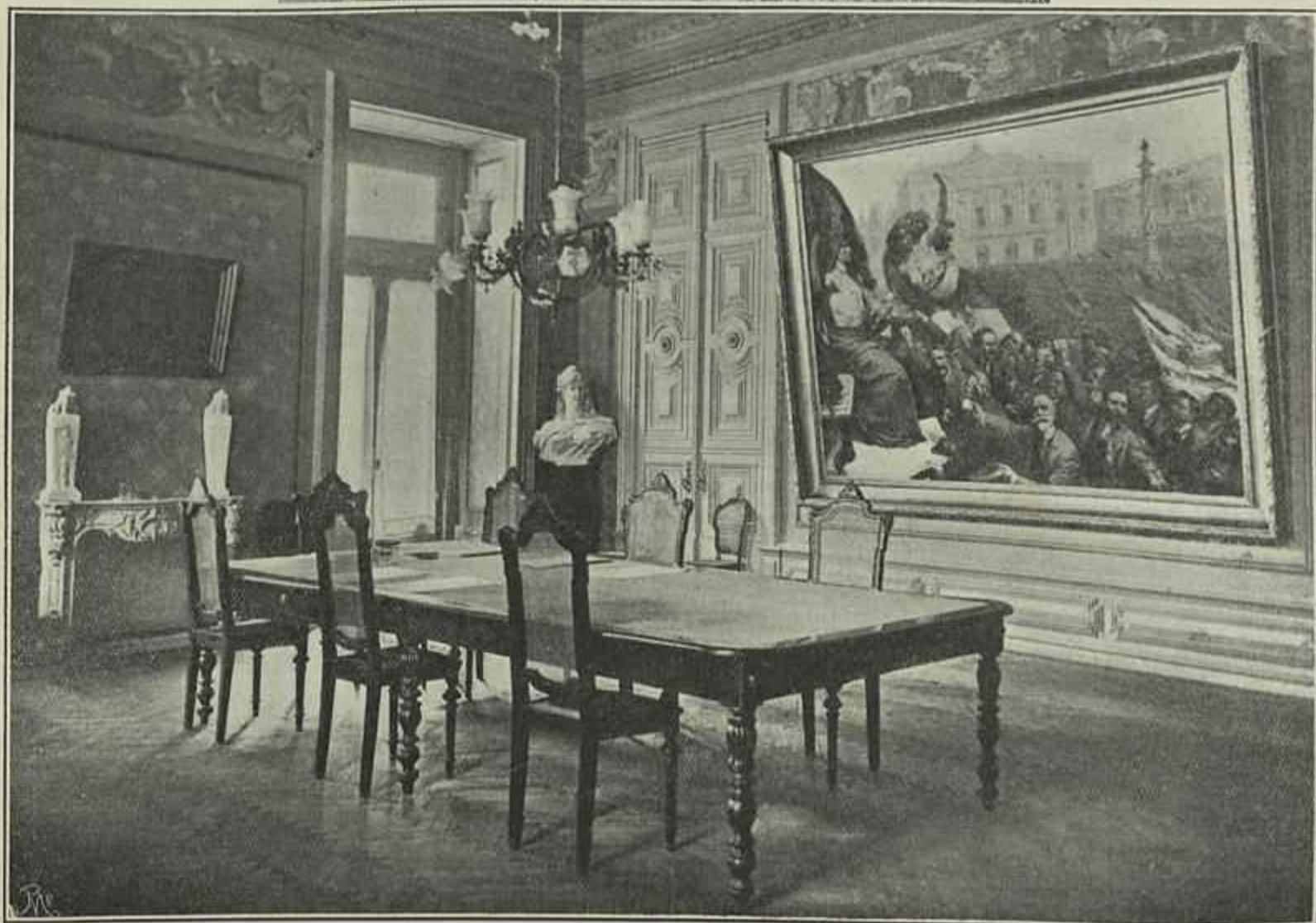
Os expeditos mancebos fundamentam os seus pedidos nas resoluções havidas e tomadas,



vezeiras e rotineiras, dos anos transactos. Auspicios de esperança, erguem, assim, aos nossos olhos entristecidos na analyse das miserias do momento presente, estes espirituosos e audaciosos moços que, segundo afirmam, serão os homens de amanhã e formarão a guardá-avanzada duma patria melhor!

Emtanto, desta vez, a satisfação desta fervorosa solicitação passa desalmadamente por sobre as praxes da nossa governança. E a réplica é obvia.

Do azafamado minis-



A NOVA SALA DA COMISSÃO DE ESTETICA NOS PAÇOS DO CONCELHO DE LISBOA, DECORAÇÕES DO TETO E PAREDES, POR BENVINDO CEIA — (Clichés A. Lima)

terio da instrução, com firmeza se retor-que que a concessão é ilegal, e assim só deve ser autorizada por esse formidando poder que está acima das Leis e as domina, pois que só elle as faz e desfaz, rasga e arremenda, e se costuma chamar negligentemente Casa do Parlamento.

Eis o curioso facto!

Varias e multiplas considerações dele se podem logicamente deduzir. E a mais interessante e de ordem mais geral é o estado da sociedade portugueza nestes principios de seculo e de regimen. Alguem muito em vista e muito em voga, com certa razão, exclamou:

«Bemdito o analfabetismo que mantém incorrupta a massa popular da provincia, para edificarmos sobre ella um futuro que por ora mal se *deslumbra*.»

Contentemo-nos com deixar em sublinhado o ultimo e equivoco termo da apostrophe.

Posto que a expressão sõe em falso aos nossos ouvidos, devemos dizer que de certo modo representa realidade incontestavel.

Extende o analfabetismo pela provincia os seus vastos tentáculos? E' certo.

Mantem o analfabetismo, incorrupta, a massa popular da provincia?

Permitam-nos que duvidemos.

Se não acreditamos no poder moralisadôr da nossa instrução escolar, tambem não acreditamos na bondade nativa do homem. A frase do illustre estadista só visa engenhosamente a desculpar a fleumatica negligencia com que, mesmo nos ultimos anos, em Portugal se tem tratado a questão do ensino.

O indice do analfabetismo é escandaloso.

As estatisticas sobre analfabetismo estremunham de pavôr os letrados do nosso lindo paiz.

Todavia, nos ultimos dias, os jornais vieram com palavras de animo e esperança desanuvar as consciencias desalentadas.

Descobriram que as estatisticas cin-avam de erro grosseiro. Nelas se incluíam «os menores de 1 a 7 anos de idade, que de direito não podem ainda entrar no numero dos analfabetos e os individuos de idade avançada, que ao tempo em que podiam adquirir a instrução primaria, não tinham escolas para esse fim, por ser reduzidissimo o numero em todo o paiz.» Eis o que os jornais nos annunciam. E podiam ainda apontar, como causa de erro, a timidez precavida de muitos dos nossos bons provincianos que não intercalam nas estatisticas os seus nomes, graças ao compadrio dos rege-dôres, receando ingenuamente lançamentos de novas contribuições. Assim, feita a correcção conveniente, a cifra do ile-trismo portuguez vai baixar.

Como dizem as gazetas — a percentagem do analfabetismo diminuirá sensivel-mente.

Mas, em breve, nos recobramos do entusiasmo.

Em breve, a observação friamente e inevitavelmente lhe vem cortar fôlego.

Com effeito, o mal de que enferma, ha tanto tempo, o organismo da nossa nacionalidade, provirá necessariamente des-sa povoação inculta e miserima das pro- vincias, que só sabe ser boa e ser hu-

milde, que só sabe resignar-se e confor- mar-se?

Evidentemente, não.

Os prestimosos politicos, quando a ella se referem, têm sempre uma frase graciosissima e um gesto veemente a cor- roboral-a: *este bom povo portuguez*...

E'. E', na verdade, bom, este povo portuguez.

Simplemente — em consciencia, todos se acham com o direito de sublinhar com sorrinho brégeiro esta bonita frase de effeito. Alguem já affirmou, convictamente e convincentemente, que a Lusitania antiga se transformara em moderna Imbecil-tania.

Quanto a nós — reconhecemos-lhe chis-te e razão.

Todo o mal provém diretamente dessa turba-multa estimada e aperalvilhada, que só soube aprender as doze primeiras lètras do alfabeto e armada da suficiencia cômoda da semi-reflexão e duma sabedoria de emprestimo se arroga em Faz-tudo da politica, sciencia, arte, e tudo malbarata na despesa dos cargos publicos substanciosos, aonde entrou munido da chave-falsa que os diplomas fa- ceis concedem.

Acima dissemos que não acreditamos no poder moralisadôr da nossa instrução escolar; antes, se nos é licito guiarmo-nos pelo ensinamento dos factos, o ambiente das nossas escolas secundarias e superiores, só raquitisa e deprava.

Raquitisa e deprava, pela má digestão do ensino livresco e pelo contagio pesti- lento dum exemplo maligno.

Será isto bastante para que bemdigá- mos o assombroso analfabetismo que pelas provincias grassa? E' sobre o anal- fabetismo — como o distinto homem de- estado indica — que deve assentar o fu- turo duma patria nova e melhor. A res- posta é irrisoria. Comtudo, é mais peri- goso o *alfabetismo* das secretarias, que o analfabetismo dos nossos campos.

Na nossa sociedade letrada, o diploma é o novo San-Graal. A demanda é pres- surosa. Mas estes novos cavaleiros — mais felizes — á força de audacia, e á custa dos mais nobres sentimentos, sem- pre alcançam alfim o objeto dos seus instantes e deliciosos sonhos.

Sciencia e consciencia nada valem. O diploma é tudo. Eis. Quando se alcança o fim, quem olha aos meios?...

Ha, pois, por ahi creatura inocente que possa admirar-se da solicitação in- tempestiva que os interessantes mance- bos, alunos de escolas secundarias e superiores, dirigem insistentemente ao jo- vem, mas opinioso, ministerio da instru- ção?

Os rapazes têm reservas de filosofia para uso particular. A vida é curta. A morte é certa. E, como o filosofo antigo, raciocinam. Quando formos mortos, não seremos vivos. Se somos vivos, é porque não estamos mortos. Para quê pensar na morte? Para quê pensar na vida?

Mortos — gosaremos as delicias do descanso eterno. Vivos — esforcemo-nos por viver-a completamente. Assim procedem. Esta filosofia comezinha opõe na pratica contrariedades imprevistas. Che- gados á ultima *étape* do ano lectivo, os professores abandonam por momentos, sem razão plausivel, a bonhomia bona- cheirôna de homens que conhecem o

meio em que vegetam e reprovam cerce os seus alunos.

Quem no havia de prever?

E os rapazes ficam a matutar no caso melindroso. Não desanimam. Tambem os moços, por espirito-santo de orelha, sabem discursar sobre o meio social que frequentam. O estudo é nada. A sabedoria é pouco. O diploma é tudo. Eis.

Vamos — senhor ministro — facilite-lhes a concessão. Seja benevolo e aprazivel para com esta esperançosa mocidade...

ANTONIO COBEIRA.



Sala da Comissão de Estetica e outras, na Camara Municipal de Lisboa

Era a antiga sala da «Direção das Obras» e que um incendio, que nela se manifestou ha trez anos, deixou muito arruinada e inutilizadas as pinturas das paredes e tecto, bem como algumas obras de arte que a adornavam como, por exemplo, o magnifico quadro de Veloso Salgado intitulado *Martin de Freitas em presença do cadaver de D. Sancho II*.



BEMVINDO CEIA

Esta sala fica situada no andar nobre do edifi- cio, e é bastante ampla e iluminada.

Depois das necessarias reparações de carpin- taria, estuque, etc., abriu a Camara um concurso entre artistas nossos para o projeto da pintura decorativa das paredes e tecto, sendo do pintor Bemvindo Ceia o projeto escolhido e aprovado, cuja composição é a seguinte:

O seu estilo é o classico modernizado e o as- unto basea-se na historia das grandes viagens maritimas dos portuguezes.

As paredes são encimadas pela pintura dum grande friso em que entram as naus e caravelas entrelaçadas por louros e palmas.

No tecto, que é retangular, vê-se uma larga fai- xa com pilastras ornadas de grinaldas de flôres dando no seu conjunto a forma de escudos inter- calados por aquelas, e aos angulos remata com fortes-dragões que sintetizam a bravura dos nos- sos homens do mar.

Esta faixa, nos seus dois lados maiores, tem ao centro os emblemas da Sciencia e Arte rep- resentadas por mulheres e respectivos attributos.

Ao centro do tecto e fechado por uma moldura de louros, palmas e carvalho, estão pintadas, a imitar tecido, as armas da cidade de Lisboa encimadas por uma vigorosa cabeça de mulher.

Depois do referido trabalho estar concluido, foi devidamente apreciado pela Comissão de Estetica, que deu o seu parecer á Camara muitissi- mo agradavel para o artista, o sr. Bemvindo Ceia, que foi um dos discipulos mais distintos da Academia de Belas-Artes de Lisboa, e está pro- gressivamente revelando seu talento, nas suas be- las obras de arte como esta de que nos occupa- mos hoje, e que muito honra o artista.

Foi tambem colocado n'uma das paredes da sala um grande quadro de Veloso Salgado em su- bstituição do que ardeu e do mesmo artista.

O tema para este trabalho foi: «A eleição da primeira vereação republicana.» E' um magnifico quadro de composição, bastante movimentado, vendo-se á frente os principaes caudilhos da Re- publica. E' mais uma bela obra do illustre artista.

PELO MUNDO FÓRA

Como manifestação evidente da plena liberdade de crenças de que gosam os cidadãos brasileiros, ainda temos a construção da nova *cathedral de S. Paulo*, orçada em tres mil contos de réis fortes, adquiridos por subscrição publica, que já vae além de metade.

A cerimonia do lançamento da primeira pedra d'esse edificio monumental revestiu extraordinaria imponencia, comparecendo grande numero de senadores, deputados e representantes da mais alta aristocracia. A acta commemorativa, escripta em puro pergaminho, foi artisticamente ornada com desenhos pelas irmãs missionarias do Sagrado Coração de Jesus, que livremente residem em S. Paulo, a segunda cidade d'aquella Republica.

O Brazil perdeu agora um dos seus mais distinctos representantes na Europa, o *Dr. Itiberé da Cunha*, ministro junto da côrte de Berlim e que contava na nossa capital valiosas amizades, conquistadas durante a sua estada aqui como representante da nação nossa irmã.

Brazileiros, portuguezes e francezes, unidos num alto empreendimento para a glorificação de heroes da sciencia, celebraram com grande brilho na capital da França o 204.º anniversario da primeira ascensão do inolvidavel *Bartholomeu de Gusmão*, em nome de cuja *Academia* falou o nosso compatriota sr. *Xavier de Carvalho*, que fez a summula da vida do glorioso inventor portuguez vulto illustre da nossa patria.

No mesmo dia e como continuação d'aquella homenagem, prestou-se rasgado tributo de admiração e de eterna gratidão a *Santos Dumont*, e ao seu machinista *Sachet*, ambos victimas da queda do balão *Pax*, da altura de 400 metros, apoz a explosão de 2:500 metros cubicos de hydrogenio. Este horrivel desastre deu-se em 12 de maio de 1902, incendiando-se parte da casa do droguista *Clichy*, na *Avenida du Maine*, n.º 79, onde foi agora inaugurada uma placa de marmore, generosa offerta do illustre escritor e grande patriota sr. *Visconde de Faria*.

A cerimonia presidiu o eminente homem de letras do Brazil, o sr. dr. *Medeiros de Albuquerque*, com numerosa assistencia de jornalistas e escriptores, merecendo especial menção *Madame Frondoni Lacombe*, que contribuiu com um soberbo soneto a *Severo*.

Paris inteiro ainda se não refez do espanto causado pela inesperada fallencia do famoso constructor de aeroplanos — *Armand Deperdussin*, cavalleiro da Legião d'Honra, e que foi preso por *escroquerias* avaliadas em 40 milhões de francos!

A empresa *Deperdussin* estava flores-

cente, pois que não havia mãos a medir para satisfazer as encomendas d'aeroplanos não só do ministerio da guerra francès mas tambem da Russia. A sua ruina foi um negocio de sedas em grande escala, em que o famigerado constructor ganhou muito dinheiro, não dando d'elle contas aos seus fornecedores, gastando o e desbaratando-o como um verdadeiro louco. A sua vida causava inveja ao maior millionario americano.

O desastre *Deperdussin* affecta bas-



DR. BRAZILIO ITIBERÉ DA CUNHA

tantes pessoas, incluindo o proprio *Aero Club de França*, de que o desastrado *sportsman* era generoso protector... á custa dos outros.

Perdeu a Inglaterra o aviador *Cody*, que subiu com um passageiro no aerodromo de *Fanborough*. E' já a setima victima da série d'este anno. Natural de *Texas*, passou na Inglaterra os ultimos 20 annos, tendo sempre pilotadoapparelhos de sua invenção e construcção.

As celebres *regatas de Comes* tiveram extraordinario interesse por nellas ter Sua Majestade o Rei Jorge V, alcançado o 1.º premio, ganho com o velho *cutter* real *Britannia*, com o qual o Rei *Eduardo*, quando Principe de Galles, obteve innumerados premios.

Causou grande sensação a victoria de *G. C. Whitaker's* com a sua escuna

Margherita contra os dois famosos hiatos allemães, pertencentes respectivamente ao *Imperador* e a *Herr Kruupp von Bohlen mrd Halbach*. Nessa regata esteve o *Marquez de Soveral*, que figura na *Illustrated London News* em logar de destaque como *a friend of the King* (um amigo do rei).

Vem a proposito citar uma recente noticia do *Times*, sob a epigraphe *Richmond and King Manoel*, dizendo que o presidente da camara municipal de Richmond estava organisando uma

grande subscrição publica com o fim de se offerecer ao Sr. D. Manoel um presente no dia do seu casamento, que está marcado para 4 do proximo mês. Numa carta á imprensa, o *mayor* de Richmond diz que tanto o Sr. D. Manoel como a Sr.ª D. *Amelia* mostraram activo interesse em toda a obra *philanthropica e social da cidade*. Entre os subscriptores figuram a *Condessa de Erroll*, *Lord Sudeley*, *Lord Farquhar*, *Lady Edith Drummond* e *Sir Frederik Cook*.

No XVII Congresso *Internacional de Medicina*, reunido em Londres, e onde estiveram muitos representantes de Portugal, *Sir James Crichton-Browne*, chamou urgente attenção para o *alastramento universal da loucura* e immediata necessidade de se investigarem as suas causas e de se melhorarem os methodos de tratamento hospitalar, pois que, a despeito de todos os progressos tendentes a combater as doencas especificas que sempre foram consideradas como causas da alienação mental, o numero de loucos e de fracos d'espírito, de varios graus, tende a augmentar em todos os paizes civilizados, e, o que é ainda mais grave, a proporção dos que se curam é excessivamente diminuta.

O *prof. Bashford*, de Londres, occupou-se largamente do *problema do cancro*. A secção de historia da medicina discutiu a famosa questão da morte de *Napoleão I*, que parece dever attribuir-se a uma infecção, e não ao cancro.

As sufragistas, não podendo entrar no templo d'*Hippocrates*, offereceram o seu jornal aos congressistas, que talvez reconhecessem nas companheiras de *Christabel Paukhurst* aquellas doentes a que se referiu *Sir Crichton-Browne*.

A proposito de feminismo diremos que em 21 cidades universitarias da Alemanha havia no semestre passado 3:436 mulheres inscriptas e 1:037 ouvintes livres, sendo em medicina 790.

Medicina e hygiene, eis o assumpto de nada menos que tres congressos realisados em Londres. O primeiro foi o da *lucta contra a tuberculose*; o segundo, das *doencas das crianças*; o terceiro, o internacional, congresso monstro, sob a presidencia do Principe *Arthur de Connaught*.

O problema da tuberculose preocupa intensamente todas as nações e a propria Inglaterra que, di-lo o *Times*, só em 1911 teve 53:000 mortos d'essa terrível enfermidade; restando-lhe a consolação de que o numero de victimas tem decrescido de ha 30 annos para cá.

Londres preocupa-se a valer com a falta de gatos! Os pobres bichanos são ali muito procurados por causa da pelle. Em 1912 venderam-se 35:911, e neste anno, até ao principio d'agosto, já o mercado consumiu 32:234!

Cada bichano rende em média oito tostões; um gato da Persia pode valer 25500 réis. Um tareco preto vale uns 600 réis! Imagine-se por aqui a serie de roubos de bichanos, cuja carne não passará por coelho, mas cujo pello attrae os olhares dos cubicos gatunos, que entre nós poderiam fazer farta colheita, sem protestos de maior.

Problema interessante é o da *circulação em Londres*. Num relatório da comissão parlamentar inglesa publica-se uma estatística demonstrando a rapidez com que o automovel substitue os cavallos nas ruas da capital inglesa. Em 1907 havia 3:700 automoveis e 12:700 vehiculos puchados por cavallos. Em 1912, o numero de automoveis era de 13:800, e o de vehiculos de tracção cavallar estava reduzido a 2:800. Os accidentes consequentemente augmentaram. Nos annos de 1910 a 1912 houve 863 mortes, cuja maior parte se deve aos *autobus*.

Consequencias do progresso. Por isso, ninguem estranha o incremento dos desastres da aviação, que se produzem todos os dias e numa progressão verdadeiramente horrorosa.

O Mexico, não satisfeito com os *pronunciamentos* á moda antiga, tambem se vae armar com aeroplanos. O *major Lebrija* partiu para França, com o fim de adquirir 20 aeroplanos e 2 dirigiveis, que custarão 900 contos!

As experiencias que aquelle official fez, deixando cair da altura de 1:000 metros 10 bombas, que destruíram por completo um navio, convenceram-no de que os navios de guerra estão hoje á mercê dos aeroplanos munidos de bombas. E então, não ha mais remedio senão arranjar essas machinas infernaes, embora o thesouro gêmea.

Lloyd George, o famoso ministro da fazenda do *Reino Unido* protesta contra o *acrescimento dos armamentos*, uma verdadeira loucura, que affecta não só o seu grande paiz, mas tambem todo o mundo civilizado. A despesa da armada inglesa para o corrente anno é maior do que a de todas as esquadras do mundo, incluindo a britannica, no anno de 1886! Os navios são menores e, portanto, mais dispendiosos; a sciencia tem-nos maravilhado com os submarinos, os dirigiveis, os aeroplanos e os hydroplanos, cuja aquisição é obrigatoria e nos arruina as finanças.

Todo o mundo civilizado deve interessar-se neste assumpto. Os grandes paizes industriaes estão gastando para cima de 400.000:000 de libras em armamento. Seria melhor empregar esse dinheiro no augmento dos seus recursos industriaes e no desenvolvimento do seu commercio.

Este problema está sendo largamente

debatido no *Congresso da Paz em Haya*, no qual se inaugurou o busto do grande *Hugo Grotius*, offerecido pela liga neerlandeza *A paz pelo direito*.

Esse congresso com centenas de membros, trata da importancia das conferencias sobre as *letras de cambio* e sobre o *opio*; aprecia a gigantesca obra americana sobre a paz, que tem por palladino na Hollanda o sr. *den Beer Poortugall*.

Borgesius combate ardentemente os armamentos; *deve-se propagar não a força, mas sim o direito*. O prof. *Quidde*, de Munich, manifesta-se no mesmo sentido, e *Perris* faz notar que são os interessados na industria que provocam as nações a armarem-se, citando em reforço os escandalos revelados no Reichstag alemão por *Liebkecht*.

Outro grande congresso se realizou em Metz — o *congresso annual dos catholicos allemães*, que se manifestou unanimemente pela *readmissão dos jesuitas na Allemanha*, os quaes haviam sido expulsos pela lei de 1872.

No Reichstag uma grande maioria, composta do centro catholico, dos polacos e dos socialistas, é favoravel á readmissão. Os socialistas pedem a revogação da lei de 1872 em nome da *liberdade e da equaldade de todos os cidadãos*.

A Allemanha perdeu *Carlos Luis de Bar*, prof. de direito, auctor de *O direito internacional privado e penal*, *O direito e o testemunho perante o jury*, *Bases do direito pessoal*, *A Igreja do Estado e a Igreja Catholica na Prussia*.

A França perdeu o general *Francisco Oscar de Négrier*, combatente de 1870, com larga folha de serviços na Argelia e no Tonkim, escriptor militar da *Revue des Mondes* e da *Revue de Paris*. Esteve em Lisboa em 1906.

Sol y Ortega, o grande democrata espanhol, falleceu ha poucos dias. Era uma das mais prestigiosas figuras politicas da nossa visinha.

Em Espanha levantou-se acalorada campanha d'imprensa contra a prorogação do tratado de commercio com Portugal, sob o pretexto das *isenções para o sal e para a pesca*, em prejuizo da industria espanhola.

O jornal *La Dictadura*, de que é director o deputado *D. Dionisio Perez*, abriu a polemica em que estão interessados os principaes órgãos da imprensa liberal.

O nosso *Diario de Noticias* appareceu já em campo em prol dos interesses portuguezes.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Monumentos de Portugal

O Convento da Batalha

(Continuado do n.º 1229)

Pedia talvez a melhor ordem d'estre trabalho, que fizesse preceder a descripção do monumento dos nomes dos architectos, que deram a traça e dirigiram as obras. Porém preferi deixar para o fim esse catalogo, por duas razões que julgo ponderosas. Primeiramente porque, sendo assumpto de controversias quem foi o architecto que fez a planta e dirigiu as obras em seu principio, em

vez de uma simples resenha de nomes será forçoso escrever um longo capitulo em que terei de recorrer á historia do paiz, da arte, e do proprio edificio, para refutar ou fundamentar opiniões; o que de certo tem um logar mais adequado ao cabo da descripção.

Além d'isto, sendo justo que accrescente aquelle catalogo com os nomes dos outros artistas distinctos, que alli deixaram padrões do seu talento, tambem pede a boa razão que os nomeie depois de fallar das suas obras.

Tempo é, pois, de me occupar da parte material d'esse monumento, trophéo e padrão da gloria militar e artistica de Portugal.

A fachada principal do templo está voltada para oeste, e deita para um adro pouco espaçoso, e mais baixo que o terreno que o cerca. Primitivamente estava o adro desafrontado, porém as chuvas do inverno, no decurso do tempo, foram arrojando sobre o edificio tal quantidade de terra, por effeito da sua situação mui baixa, que lhe obstruíram os adros das portas principal e travessa, bem como a base das frontarias da egreja.

Esta circumstancia obrigou os frades, para evitar maiores despezas, a construírem em torno de cada um dos ditos adros um pequeno muro, que lhe deu a apparencia de um tanque, para o qual se descia por uma escada de varios degrãos.

Ao presente acham-se desembaraçadas do entulho, e completamente descobertas as bases das fachadas do templo, e o adro principal alargado e guarnecido, em vez de muro, com gradaria de pedra, decorada de pyramides, no mesmo gosto das que ornão o edificio.

Todas as pessoas entendidas, tanto nacionaes como estrangeiras, que tem visitado o monumento da Batalha, collocam no entre os mais perfectos typos do gothico puro que ha na Europa. Dão-lhe direito a este logar a nobreza e elegancia das fórmas, a severidade das linhas, a belleza e sobriedade dos ornatos, a perfeição com que tudo está acabado, e finalmente a singular harmonia que reina em todas as suas partes.

Não é preciso ser muito versado nos estudos d'architectura para conhecer, logo ao primeiro relancear d'olhos, essa admiravel unidade de pensamento que presidiu á edificacão do templo, unindo todas as suas partes nas mais estreitas e intimas relações.

A frontaria principal do templo é tão formosa como singela. Não procurou o architecto sobre-carregar a de ornamentos superfluos, como se vê na maioria dos edificios gothicos, e com os quaes muitas vezes se pretende occultar ou disfarçar faltas de boas proporções, ou outros defeitos não menos graves. Pelo contrario, ornando com mais esmero a porta e janellas, sem deixar inteiramente nua de adornos a parede correspondente á nave principal, deu realce ao esbelto prospecto do templo, conservando-lhe a magestade de um estilo severo e simples.

O portal é formado de muitas columnas, d'entre as quaes resaltam numerosas estatuas dos apóstolos e de outros santos, collocadas sobre peanhas, e debaixo de baldachinos, tudo aberto em rendas, e lavrado de silvas e arabescos.

A grande janella, que fica sobre o portal, é uma obra de extraordinaria belleza e de incrível trabalho. Com razão diz frei Luiz de Sousa, o elegante chronista da ordem dominicana, descrevendo esta janella, «que se não podia obrar com mais subtilidade e cuidado em trancinhas de agulha, ou em lavor de cera, ou no espelho de uma viola — os que o cinzel alli fez na pedra». E continuando accrescenta: «Os vãos que na viola ficam abertos para dar logar ás vozes, que fórma no interior, ficaram cá cerrados de vidraças... debuxadas todas de côres finas e pinturas varias de armas e divisas do reino, de tenções e emprezas d'el-rei. E como são muitos os vãos, porque o circulo é muito dilatado, communica dentro muita claridade, e paga com a graça das côres o que ellas lhe diminuem na pureza da luz. Mas faz passar a firmeza com que se mantem obra tão miuda tantos annos ha em logar tão alto.»

Esta parte do frontispicio é coroada com uma renda ou grade de bonito feitio e delicado lavor, flanqueada de pyramides guarnecidas de esculturas a modo de plumagem. Aos lados do portal encostam-se ás paredes, subindo até á ogiva da janella, dois gigantes ou botareos, decorados singelamente, e com eguaes pyramides por corôa.

(Continúa).

I. DE VILHENA BARBOSA.



Quatro cousas se deve exigir da mulher: virtude, modestia, doçura e trabalho.

Descobrimentos Arqueologicos

Dr. José Leite de Vasconcelos

Barros e vidros do século I

No numero do *Diario do Governo*, correspondente ao dia 11 do actual mez, acha-se publicada uma portaria do teor seguinte:

«Tendo o ministro da instrução publica feito uma demorada visita ao Museu Etnologico Portuguez, da qual trouxe a melhor impressão pela ordem, metodo e orientação scientifica que presidem á disposição das suas diferentes secções: manda o governo da Republica Portuguesa que ao director do referido Museu, dr. José Leite de Vasconcelos, seja dado publico testemunho do louvor que lhe merecem a sua notavel competencia e o desvelado interesse que tem empenhado no progresso do Museu a seu cargo e no constante aumento e valorização das suas collecções.»

Este diploma, á parte a sua redacção



BARROS E VIDROS DO SÉCULO I DESCOBERTOS EM ARAMENHA



DR. JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS

que se impunha muito mais acurada, vale como acto de justiça, fundamentalmente legitimado.

José Leite de Vasconcelos, filho de paes não ricos, venceu em condições dificeis os estudos preparatorios e conseguiu mais tarde frequentar a Universidade de Coimbra onde, por fim, concluiu formatura na Faculdade de Direito.

O amor de saber, a paixão dos livros e o trabalho persistentissimo têm sido as unicas armas do seu triunfo, através contrariedades economicas de todo o lote.

Esta é a verdade, verdade autentica, por se basear em factos.

Entre, porém, a sua nomeação official para cargos publicos, bem e mal remunerados, e o reconhecimento dos seus meritos não mentidos, quanto caminho haverá percorrido no silencio de desilusões e desenganos e até por mais de uma vez com deficiencia de passado e de fato?!

Prepondéra no seu espirito o ideal arqueologico e n'ele, a essa luz do passado remoto, brilha o seu nome com obras de erudição facúnda e em aquisições de alto apreço documentativo.

A tal especie pertencem os barros e vidros aqui representados em estampa, que o sr. Antonio Eu-

sebio Benito Maçãs, de Portalegre, lhe ofereceu, recentemente, após uma visita de Leite de Vasconcelos ao lugar de Aramenha, freguezia do concelho de Marvão, distrito da cidade mencionada.

Em dezembro de 1899, havia em Aramenha 581 fogos, habitados por 2.438 individuos, dos quaes eram analfabetos 1.138 do sexo masculino e 1.136 do sexo feminino!

Sem a interferencia de Antonio Eusebio é claro que estaria privado, talvez para sempre, o Museu Etnologico Portuguez dos barros e vidros encontrados na humilde povoação e que abrangem pratos, jarrahinhas, copos, frascos, taças, etc., ao presente expostos em devida instalação pelo dedicadissimo archeologo Leite de Vasconcelos.

Agora mesmo estão diante de mim, na banca em que escrevo, diversos numeros de *O Archeologo Portuguez*, publicação do Museu, que muito lhe deve, uma lição inaugural — *Da importancia do Latim* — aos seus alunos da Faculdade de Letras, e o folheto *Deuses da Lusitania (Resposta ás fantasias de um censor)*.

A sua obra capital, contudo, é a intitulada *Religiões da Lusitania*, assaz conhecida não só no paiz mas tambem no estrangeiro.

Ha anos, quando morreu o sabio alemão que, por inteiro, levou a efeito a versão de Camões, o dr. Leite deu á estampa um belo e interessante volume em cujo rosto se lêem estas palavras — *O Doutor Storck e a Literatura Portuguesa*. Este volume foi impresso na Academia das Sciencias, de que o autor é socio.

Exerceu tambem, com proficiencia consumada, o cargo de 1.º conservador da Biblioteca Nacional.

Oxalá ele possa realisar todas as suas aspirações.

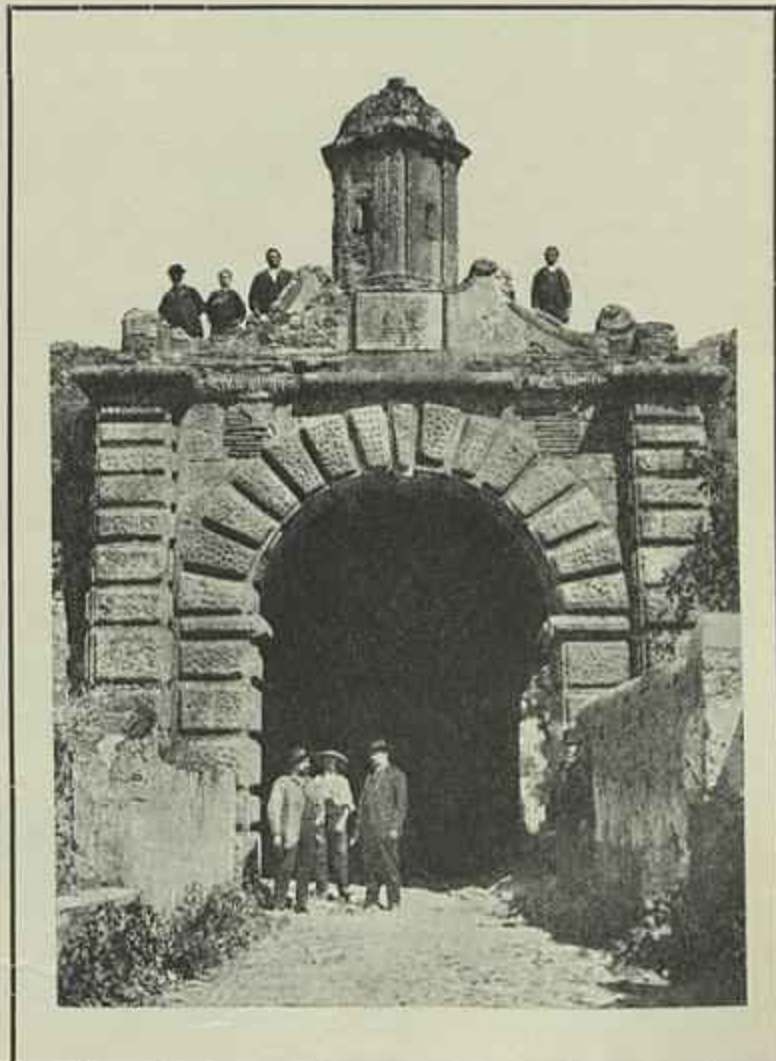
D. FRANCISCO DE NORONHA

Pensamentos

Nunca se viu alguém rir-se por algum pezar; todavia ha alegrias que fazem chorar.

Que é um caracter? Uma individualidade que com passo seguro segue alguns principios morais simplicissimos, que reconheceu como bom e que tomou por guia da propria carreira.

Que é o ideal? O tipo longiquo segundo o qual a humanidade se desenvolve e se aperfeiçoa. — *Max Nordau*.



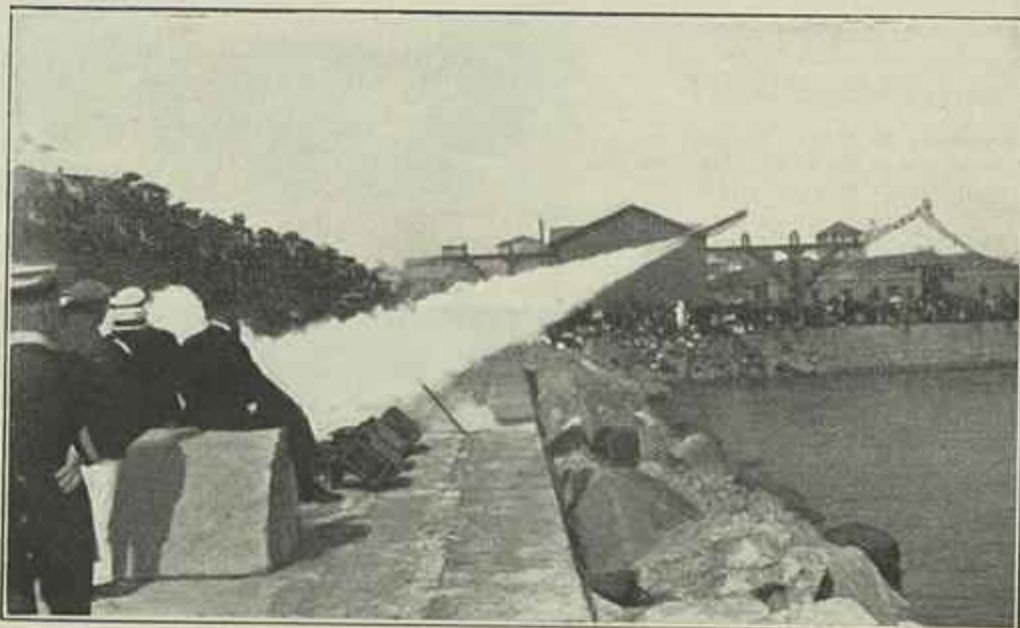
PORTA QUE FOI DEMOLIDA DA ANTIGA MEDOBREGA, HOJE ARAMENHA, POVOAÇÃO ONDE FORAM DESCOBERTOS OS OBJECTOS DE BARRO E VIDRO DO SÉCULO I

Uma festa no Porto de Leixões

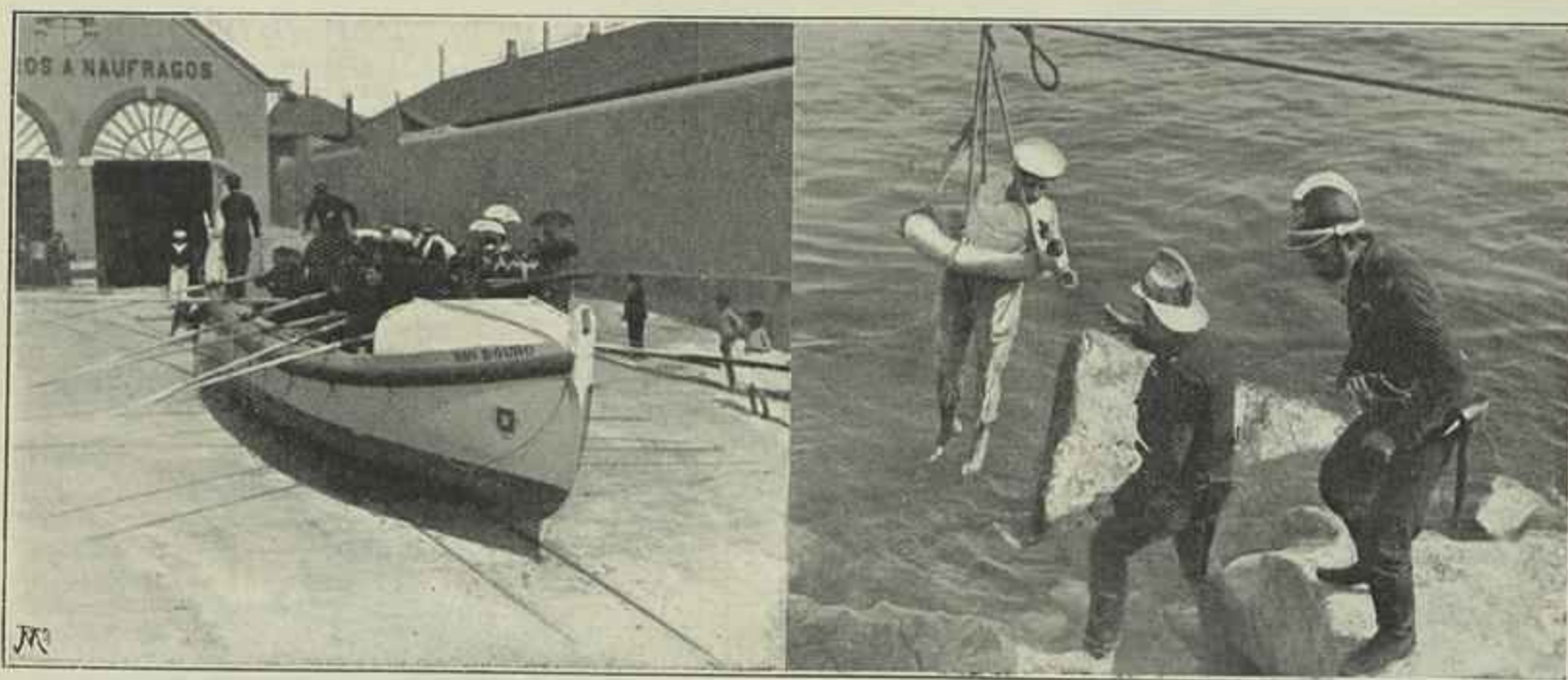
Promovido pelo nosso respeitável colega *Comercio do Porto*, realizou-se, no dia 17 do corrente, em Leixões, uma festa tão simpática quanto humanitária, qual foi a distribuição de prémios pecuniários aos tripulantes do *Rio Douro*, que no naufrágio do *Veronose* se portaram heroicamente no salvamento dos naufragos, e para celebrar a inauguração de um sino aviso no molhe de Leixões, acto que se fez com toda a solenidade festiva abrilhantado pelo concurso de bandas de musica, foguetes, etc.

A bacia do porto apresentava aspecto extremamente animado, estando embandeirado o castelo de Leça e o torreão do Semaforico Commercial e inumeros barcos encheram o porto conduzindo, gente que se espalhou por todos os pontos donde podia gosar os exercicios do *Rio Douro* e do *Leixões*, simulando o salvamento de naufragos, o que tudo se fez com muita presteza e ordem.

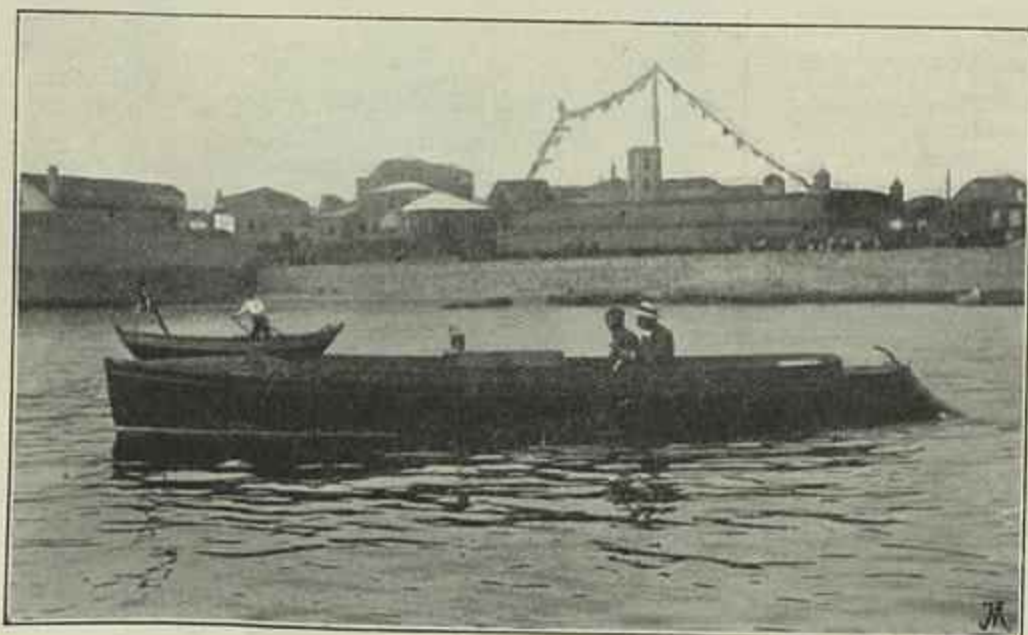
O primeiro numero do programa foi a sessão solene para a distribuição dos premios, a qual se realizou numa das salas do Posto de Desinfectação e a ella concorreram muitas senhoras da primeira sociedade e distintos representantes da armada, do exercito, das Associações Commercial e Industrial, do Centro Commercial, delegados da Cruz Vermelha, do Club Fenianos, dos Bombeiros Voluntarios do Porto, Municipaes de Gaia, e



O LANÇAMENTO DE UM FOGUETÃO, PARA O CABO VAE-DEM



SAHIDA DO POSTO DE SOCCORROS A NAUFRAGOS DO SALVA-VIDAS «RIO DOURO» — SALVAMENTO DE UM NAUFRAGO PELO CABO VAE-DEM



O SR. HUMBERTO DA FONSECA, NA KITTUM,
VENCEDORA DO PRIMEIRO PREMIO NA CORRIDA DE LANCHAS AUTOMOVEIS
(Clichés J. Azevedo)

toda a corporação dos Bombeiros Voluntarios de Matasinhos-Leça da Palmeira.

A sessão presidiu o sr. dr. Adriano Pimenta, por proposta do sr. Bento Carqueja, servindo de secretarios os srs. dr. Afonso Cordeiro e Hypacio de Brion.

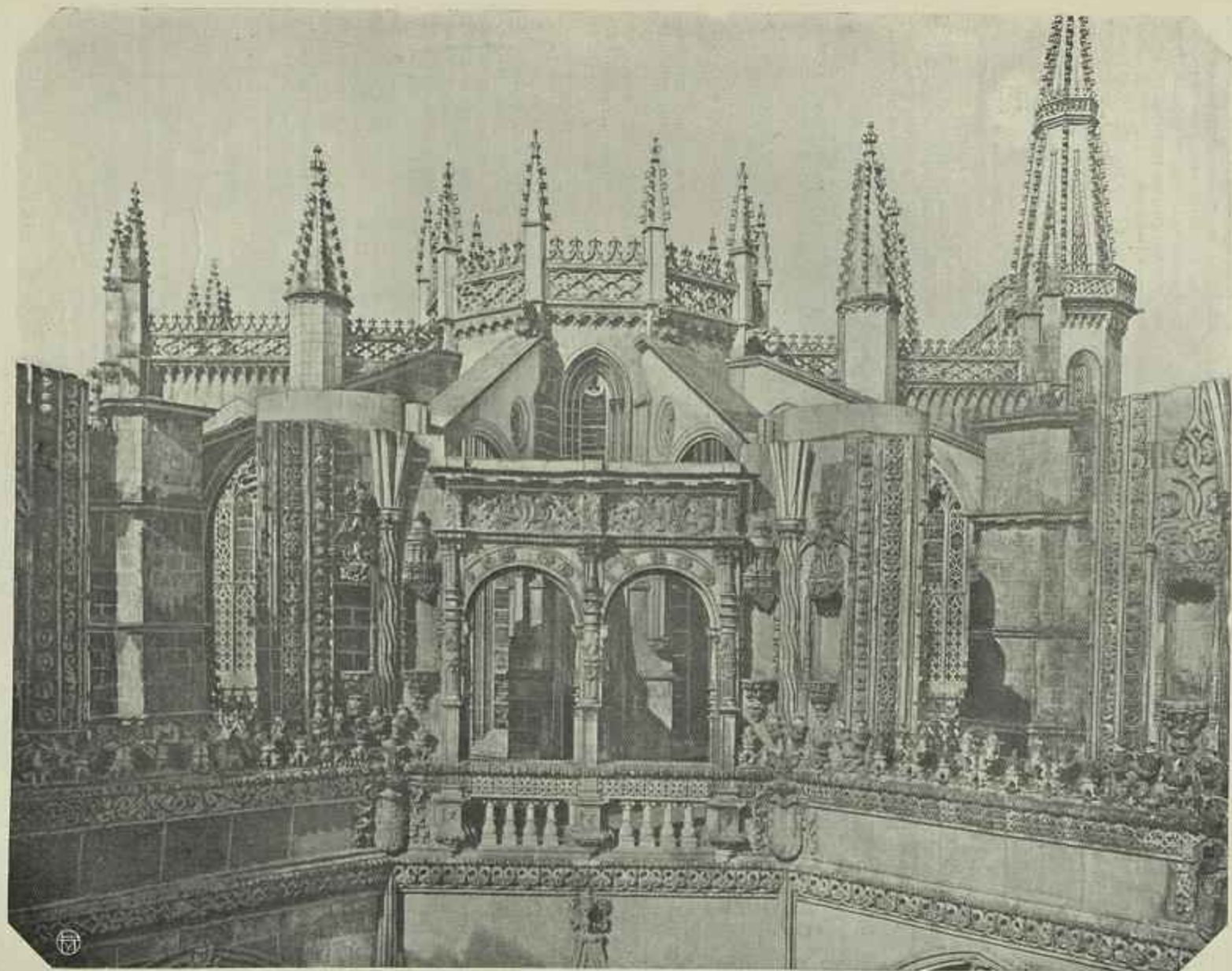
Ao lado da mesa da presidencia formaram os tripulantes do *Cego de Maio*, da Povoia de Varsim, com o seu patrão Lagôa, os tripulantes do *Rio Douro* com o patrão Rabomba, e do *Aveiro*, ostentando os tripulantes, no peito, suas medallas, justa recompensa dos actos de abnegação e heroismo praticados no salvamento de tantos naufragos.

Na sessão pronunciaram discursos alusivos ao acto, os srs. dr. Adriano Pimenta, Bento Carqueja, dr. Ricardo Bartol, dr. Caetano Marques de Oliveira, Hypacio de Brion, dr. Afonso Cordeiro, Luis Marques de Sousa, Augusto Eduardo Neuparth, Antonio Pimentel e José da Silva Reis, sendo todos os oradores muito applaudidos.

Seguiu-se a distribuição de premios aos tripulantes do *Rio Douro*, que foram extraordinariamente vitoriados pela assistencia.

Terminada a sessão, executou-se o segundo numero do programa: Um naufrágio simulado na barra.

Em menos de 5 minutos sahiram do Posto de Socorro os dois salva-vidas *Leixões* e *Rio Douro* com os seus tripulantes. Pouco depois faziam-se os exercicios de socorros a naufragos pela Asso-



OS MONUMENTOS DE PORTUGAL.—O CONVENTO DA BATALHA, VISTA EXTERIOR INCLUINDO A CAPELA DO FUNDADOR
(Cliché do sr. M. Joaquim da Silva)

sociação Humanitaria de Bombeiros Voluntarios de Matosinhos-Leça da Palmeira, lançando-se de terra um foguetão com cabo vae-vem para bordo da *Neiva*, do sr. Armindo Daniel, fundada a uns 150 metros do molhe, cuja tripulação se compunha de praças da Escola de Alunos Marinheiros no norte, sob a direção do 1.º contramestre sr. José Joaquim Marques.

Estes exercicios correram admiravelmente, entre os aplausos da multidão que os presenciou.

Realisaram-se tambem corridas de barcos regionaes á vela e de lanchas automoveis, ganhando o premio na corrida de 6 kilometros em triangulo, feita em 43^m,30, a *Kittum* do sr. Humberto da Fonseca que a guiava. O premio consistiu de uma bela jarra de Sèvres fornecida pela ourivesaria Cunha.

Terminou a festa com a inauguração do sino sinal de aviso aos navegantes, o qual funcionou muito bem em todo o seu maquinismo, fazendo-se ouvir a mais de milha e meia de distancia, como verificaram as pessoas que embarcaram nos vapores *Lusitania* e *Vitoria* que se fizeram ao mar para esse fim.

Este grande melhoramento para a navegação deve-se tambem ao *Comercio do Porto*, que mandou colocar o sino, melhoramento que servirá de estímulo para que em outros pontos da Costa de Portugal se proceda á collocação destes sinos que tão necessarios se tornam.

Houve tambem corrida de barcos a remos, com premios oferecidos pela Associação Industrial Portuense.

Foi uma festa brilhantissima que produziu grande entusiasmo na população portuense e das cercanias.



O dia 14 do mez de Agosto

Aljubarrota

«Deo signal a trombeta Castelhana
«Horrendo, fero, ingente e temeroso;
«Ouvia-o o monte Artabro, e Guadiana
«Atraz tornou as ondas, de medroso;
«Ouvia-o o Douro, e a terra Transtagana;
«Correo ao mar o Tejo duvidoso;
«E as más, que o som terrível escutaram,
«Aos peitos os filhinhos apertaram.

Os Lusíadas, canto 4.º, est. xxviii.

Comemorar, arrancar do olvido lamentavel os altos feitos da Historia é ministerio de reivindicação legitima e dever nobre de genuino civismo.

Isso, creio, praticar agora, antes de findar este *SEXILIS* corrente.

O passamento de Fernando 1.º, o *Formoso* e *Inconstante*, creou uma situação difficil a Portugal, êrmo de sucessor hereditario para o trôno vago.

Desde logo João 1.º, de Castela, esposo de Beatriz, filha do falecido monarca, se julgou com direito a seguir-se-lhe na realêsa.

Corria o anno de 1383. Aprestou-se o castelhano para invadir-nos o territorio e, de facto, as suas tropas transpuzeram a nossa fronteira de onde, com a pessoa do rei, avançaram para Lisboa, que lhes soffreu apertado cêrco.

Já as tropas do seu paiz haviam experimentado em Atoleiros, Alemtejo, o vigor do braço de Nuno Alvares Pereira, quando um inimigo terrível forçou João 1.º a desistir do proseguimento, por então, do sonho ambicioso, — a peste.

Levantou o cêrco, e a retirada, no dizer de coevos, foi um verdadeiro cortêjo funebre.

Entretanto, chegou o ano de 1385 e com ele, nas celebres côrtes, reunidas em Coimbra, o momento em que a palavra do famoso jurisconsulto João das Regras poz fôra de duvidas a quem pertencia a herança de Fernando 1.º.

Demonstrou com força de argumentos

e com eloquencia de logica vibrante, que o unico homem nos precisos termos de ser aclamado era o mestre de Aviz, filho de Pedro 1.º e que, depois de ter morto o antipatico amante da não menos antipatica (moralmente falando) Leonor Telles, havia sido investido no governo com o titulo de defensor do Reino.

D'essas côrtes, saiu o mestre de Aviz com a corôa na cabeça.

Não calou o facto, de boa mente, no animo dos castelhanos, que voltaram á carga pelas Beiras e destruíram Vizeu, após prévio saque.

Em Trancoso, porém, fôram batidos pelos portuguezes, sempre arrojados e heroicos na defêsa dos patrios lares.

O desfêcho da acção de Trancoso provocou em Castela maior ardimento de conquista e, João 1.º, de novo penetrou em Portugal com um exercito numeroso, provido á farta de munições de guerra.

Vingou a derrota com o arrazamento completo da alludida povoação, testemunha da peleja anterior, tomou Celorico, talou campos, despejou odios e rancores, não deu quartel a ninguem e, finalmente, apoderou-se de Leiria.

O rei portuguez, tambem João, primeiro do nome, entre nós, operou por esse tempo a junção das suas forças com as do comando de Nuno Alvares Pereira.

Orçavam por seis mil e tantos homens. E só com esta cifra diminuta se opuzeram, em Aljubarrota, a mais de trinta mil soldados castelhanos!

No *Censo*, relativo ao 1.º de dezembro de 1890 e impresso em 1896, accusam-se, em Aljubarrota, 441 fogos, e 1754 habitantes de residencia habitual. E' de crêr que fôsse muito menor o numero de casas e mais limitado o numero de moradores, aos 14 dias do mez d'agosto de 1385.

Nesse dia, a côr verde que ora se ostenta na bandeira nacional, consagrou-se para sempre em nossos fastos gloriosos.

«Os mancebos mais ousados,
«Portuguezes cavalleiros,
«A ala dos namorados
«Formáram aventureiros;
«E' verde a sua bandeira,
«Cór da esperanza do amador,
«Precursora lisongeira
«De victorias, e d'amor.

Assim dedilhou na harpa da sua poesia patriotica o finado Ignacio Pizarro de Moraes Sarmiento, autor d'*O Romanceiro Portuguez ou Collecção dos Romanes de Historia Portugueza*, e dedilhou em plena luz de verdade autentica.

O leão de Castela teve de encolher as garras e de precipitar-se em fuga desordenada. Ganhámos a grande batalha da independencia; e os imensos troféos que ficaram na mão dos vencedores eram tanto mais legitimos, quanta fôra a enorme desproporção numerica registada entre os combatentes, — um para cinco!!!

Sem tal triumpho, inolvidavel, como estariam agora definidas as balizas do globo terraqueo e como teria sido possível a aurifulgente empreza, cantada por Luiz de Camões?!

Nem Gama, nem India, nem epico

imortal por ventura; talvez apenas um epitafeo triste de povo aniquilado e desaparecido no fragôr de um revês irremediavel!...

Isto, porém, não ocorreu, felizmente, e aquele que em 1415, havia de abrir, em Ceuta, o caminho para o largo arrojô de descobrimentos e de conquistas prodigiosas, quiz fixar o successo homérico por um padrão monumental de victoria, — a Batalha!

«O Mosteiro de Nossa Senhora da Vitoria, ou da Batalha, como vulgarmente é conhecido, escreveu um cidadão modelar que a morte arrebatou sem rebuço, Sousa Viterbo (*Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes*, vol. II) é um dos monumentos que surgem mais rutilantes do solo português e de que mais nos podemos orgulhar, porque, além de ser uma joia artistica de inestimavel valor, synthetiza um dos feitos e uma das épocas mais gloriosas da nossa historia. Dir-se-ia a armadura de pedra de um paladino gigante, que ficou immovel, no campo do torneio, numa serenidade heroica, patenteando aos seculos a permanencia do seu triumpho.»

João Barreira (*Notas sobre Portugal*, vol. 2.º) serve-se das seguintes expressões categoricas, ácêrca do maravilhoso monumento da victoria de Aljubarrota:

«... o mais rico edificio da architectura da Edade Media em Portugal»

Um outro compatriota, autorizadissimo, o distinto professor Cristiano Ribeiro (*Elementos de Historia da Arte*, vol. 2.º) fecha, n'estes termos, o capitulo em que trata da Batalha:

«Alongámo-nos na descripção da mais bella obra d'arte portugueza da Edade Média; mas muitissimo ainda haveria a dizer a tal respeito, e que só uma visita minuciosa pode satisfazer; acontecendo com este monumento, como sempre succede com as grandes obras de arte, que não só excede sempre a expectativa, como de cada vizita que se repete, encontram-se outros novos motivos de admiração»

Por esta maneira, correspondeu, brilhantissimamente, á acção formidanda e formidavel de Aljubarrota, a memoria destinada a perpetuar-lhe a lembrança, de geração a geração, na sequencia dos seculos.

Foi epica, deveras, a batalha ferida n'aquelles campos, epica a figura inconfundível do triunfador, ajustado, de molde, o assombroso monumento do feito e do homem.

Eis a filosofia positiva do dia 14 do mez de agosto de 1385, na historia da nação portugueza.

Agosto, de 1913.

D. FRANCISCO DE NORONHA.



Talento e caracter são duas qualidades que raramente se encontram reunidas ao mesmo homem. — *Teofilo Braga*.

Por montes e valles

(Notas a esmo)

Passar algum tempo no campo é um habito que entra na massa do sangue desde o alvorecer da nossa mocidade, e assim logo que a natureza se cobre com o manto variado das suas côres, pensamos logo em abandonar Lisbôa e vermos-nos livres, por alguns mezes, da vida buliçosa da capital, com tudo que ella possui de artificial na sua vida ficticia e pouco hygienica. Assim uns tempos no campo são um verdadeiro balsa-mo de confôrto, de tranquillidade á nossa existencia physica e intellectual. Na mór parte da gente não existe, ainda infelizmente, a ideia nitida que se deve ter de uma estada no campo.

Geralmente todas as familias abandonam Lisboa pelo espirito comesinho de seguirem a *moda de ir para fóra* e lá seguirem a mesma vida da cidade, com o mesmo luxo das *toilettes*, com todo esse rosario de ideias balofas e ridiculas que enchem os cerebros das mães de familia, em que os pontos d'aguas, thermas, praias, etc., são apenas pretextos para mostrarem as filhas e verem se as casam ricas o mais depressa possível!

Todas as infinitas belezas que a natureza lhes offerece n'essas terras onde vão passar uns mezes de verão, passam despercebidas como verdadeiras vulgaridades!

Por isso diremos que sempre nos faz pena não comprehenderem o campo para onde vão, e saberem gozar d'elle com aquelle amor e carinho que elle tanto merece. Mas deixemos estas considerações, pois malhar em ferro frio é tempo sempre perdido, e entraremos no assumpto d'estas *notas* colhidas a esmo que apenas possuem um fim — contar para o OCCIDENTE as minhas simples impressões de mero viandante por esses montes e valles d'esta nossa querida terra; impressões não revestidas com a burilada linguagem d'um Bernardin de S. Pierre, que tanto adorava o campo, mas sim com o estylo simples de um forasteiro que, longe de Lisboa, vae colhendo aqui e alli pequenas notas impressionistas que o meio lhe offerece, todo esse scenario campeзино matisado de uma serie infinita de encantos variados, symphonia de côres, crescendo de tons quentes que nos causam a vertigem do Bello em todo o seu esplendor!

As thermas das Caldas da Rainha onde actualmente me encontro, conheço-as ha vinte e nove annos, e a vagarosa evolução que têm soffrido, tem passado perante os meus olhos com um grande interesse.

Não conheço terra proximo de Lisboa que reuna tantos atractivos como as Cal-

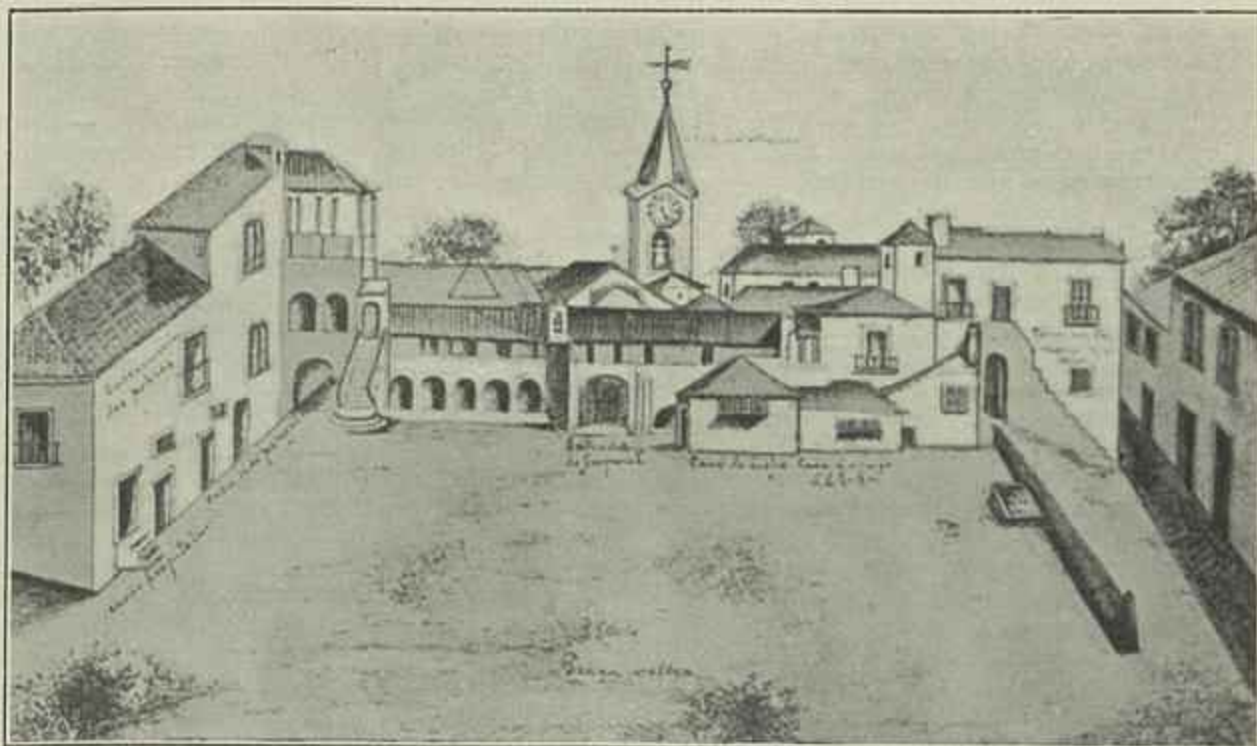
das. Mas terá esta villa aquelle encanto de tranquillidade que tinha antigamente, antes da chamada civilisação do caminho de ferro? Decerto que não, mesmo na estrutura intima da sua vida a differença é radical.

Voltêmos um pouco a vista ao passado para fazermos melhor o parallelo com a vida presente.

Partia-se de Lisboa da estação de Santa Apollonia, e chegava-se á estação de Azambuja pelas 11 horas da manhã; carruagens, largos coupés, onde podiam levar em cima as nossas malas, conduziam-nos até ás Caldas, uma distancia de dez leguas, tendo havido uma para-

digno de elogios pelo aceio e abundancia. Aos sabbados então, antes do Club, entrava-se na igreja do hospital onde se cantava a ladainha e varios canticos á virgem do Populo; varias senhoras cantavam, nunca faltando o conhecido padre Antonio das Caldas, então com uma magnifica voz de barytono.

Combinavam-se tambem passeios em burros a S. Martinho, a Obidos e a Rio Maior, e quando chegavam a esta villa eram sempre entradas triumphantes com marchas *aux-flambeaux*, guitarradas, etc. Hoje a vida das Caldas é totalmente diferente; o caminho de ferro veio lançar a nota do modernismo, a concorrência



O HOSPITAL DAS CALDAS, EM 1747, CONFORME UMA ESTAMPA DA ÉPOCA

gem no lugar do Cercal, onde estacionavamos duas horas para almoçarmos e para descanso do gado.

Ainda me recordo que se comia em uma estalagem magnifica canja e bella galinha cosida com arroz e presunto.

Hoje, essa estrada, segundo me consta, está horrivel, havendo apenas transito de galeras.

N'estas thermas não havia então o movimento de familias que ha hoje; o maximo meia duzia, formando todos uma *só familia*, sem os *cancans* que nos atormentam agora! A vida que se passava era a seguinte: de manhã tratamento no hospital, onde havia o tradicional copinho dado pelo velho Sebastião que Deus tem; durante o dia, no passeio da Copa, jogava-se o arquinho, as senhoras cosiam e bordavam; mais tarde houve um jogo de *Croquet* devido á iniciativa da familia Barros Lima e José Sacavem; depois do jantar, que era por volta das cinco horas, ia-se á matta real, uns subiam até ao pinheiro da rainha, outros espalhavam-se pelas ruas para jogarem jogos de prendas e arquinhos.

Quando a noite vinha já bastante proxima, todos vinham para o club, onde se dançava animadamente até ás dez horas, em que era servido o conhecido e tradicional chá com fatias e bolachas além de copos com agua chalada. Este chá era fornecido pela direcção do Club, sendo

augmentou extraordinariamente. O Parque da Copa e a Matta soffreram profundas modificações, vieram os sextetos substituir o velho Pavão que executava no piano umas *valsas* horribes e uns *lanceiros* detestaveis, veio a antiga Banda da Guarda, em vez da philarmonica da terra, appareceram o *Tennis*, o *Foot-Ball*, os concursos hypicos, etc.

Uma antiga cavacaria das conhecidas Mendricas que existia na Praça, ponto de reunião á tarde da amena cavaqueira onde se juntavam, entre outros, Raphael Bordallo e Mariano Pina, acabou!

Emfim se esta terra se parece agora com tantas outras, perdeu quanto a mim o seu antigo encanto, pois passou, infelizmente, a ser um bairro da nossa capital, no luxo demasiado das senhoras e nos *cancans* da chamada sociedade elegante.

Sinto saudades d'esses tempos passados que jamais voltam; e ao recordar-me d'essa epoca em que todos se divertiam sem a nota discordante da intriguinha, fico pensando, quaes serão os mais retrogados, os que pensam como eu, ou as modernas elegancias d'essa sociedade, na generalidade, cretina e sem valor algum!

(Continúa.)

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre autorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sacavem))

Primeira parte

IV

FRATERNIDADE D'ALMA

(Continuado do numero antecedente)

Steinbaum começou a lêr a segunda carta, era escripta em allemão.

«Segunda-feira.

Meu querido Rudolfo:

Não tenhas cuidado em mim, pois sinto-me relativamente bem. A mãe Claudina está sempre aqui em casa todas as vezes que pode. Os nossos filhos têm por mim um cuidado extraordinario; assim, a tua ausencia veio provar quanto Karl e Franz gostam de mim. A sr.^a Cozan, tem vindo tambem algumas vezes, sempre que vem trabalhar com Fombreuse e Lescourias. Ella hoje trouxe-me um lindo ramo de flores e bôlos para os pequenos e estes, quando a ouvem cantar, escondem-se no corredor a apreciarem já a sua linda voz. Eu tambem fiz transportar a minha cadeira para lá, e tenho gosado da sua bella voz e magnifica escola. Cozan parece ter uma grande afeição por Fombreuse, procura sempre conversa a seu respeito, e quando soube que eu estava gravando uma musica para o seu anniversario, ella corrigiu-me algumas faltas e assim pude acabar a obra muito melhor. Apesar de nos fazeres muita falta, não te inquietes, pois estimo que estejas contente ahí a respirares esse bello ar. Não te esqueças de trazer conchas para os pequenos, pois não fallam em outra coisa senão no mar á sr.^a Cozan, cuja mocidade foi passada *Atravez do Oceano*. Eu comprehendendo a razão porque ella tanto gosta da musica de Fombreuse, recorda-lhe os seus primeiros annos. Quando voltares não te esqueças de nos avisares pois os pequenos estão com um enorme empenho de te irem esperar. Lembras-te quando me recebeste nos braços quando cheguei de Munchen? E tu disseste que os meus cabellos tinham o perfume da minha terra! Agora sou eu que te vou esperar... se puder. As minhas tristezas posso-as soffrer com paciencia pois penso no teu amor. Esta casa sem a tua alma é um ninho despresado. Envio-te muitos beijos.

Lisbeth Krantzgarten.»

Na ultima pagina da carta, os filhos escreveram as seguintes phrases:

«O sr. Fombreuse está a ensinar-me um minuette de Mozart, que é muito difficil mas hei de sabe-lo quando voltar. E' uma surpresa, mas foi mais forte do que eu e têm que dizer! Abraço-o muito.

Karl.»

«Meu querido paesinho, temos feito muito bem a nossa obrigação junto da

mãe; tem escolhido muitas conchinhas com muitas côres? Abraço-o muito, muito.

Franz.»

Logo que terminou a leitura d'estas cartas, Steinbaum contemplou por algum tempo o horizonte e viu a bella visão da familia; parecia que espiraes de fumo envolviam as cabeças de Lisbeth, Karl, Franz e Fombreuse. Elle estava a uma janella do castello de Peunteungoat. A seus pés no fundo do valle, rodeada de vergeis, estava a aldeia de Saint-Jeandu-Doigt, destacando-se a torre da egreja. Era um oasis de frescura entre duas colinas, ao longe o oceano formava um quadro grandioso, parecendo que o mar vinha engolir a terra!

Ao meio dia, o sino badalou as *Ave Marias*, um sol dôce de maio corria sobre o campo florido, ao passo que o susurro do mar chegava muito confuso com as vozes dos trabalhadores nos campos.

Steinbaum tirou os oculos e duas lagrimas lhe brilharam nos olhos. Apertou as cartas contra o coração e agradeceu a Deus o ter-lhe dado aquella familia tão bôa para elle.

Steinbaum entrou na sala do castello para preparar os desenhos.

V

TRIUMPHO INUTIL

Todos os annos, logo que a serie dos grandes concertos estava fechada, Anna Le Cozan dava um recital na sala Erard. Ella demonstrava o progresso da sua reputação á influencia sempre mais numerosa que frequentava os seus recitales.

Como todas as pessoas dotadas de talento, tinha os seus admiradores e os seus adversarios. Não se adquire no mundo musical uma situação tão notavel, sem ir contra as rivalidades, sem despertar as invejas. Cantôra das audições do *Conservatorio*, do *Châtelet* e do *Cirque d'Été*, tinha agora uma grande rival, uma cantora d'opera, a artista Salviane que, depois da celebre Krauss, nenhuma outra tinha despertado tanto entusiasmo. Eram o contraste d'uma e d'outra. Os partidarios da Salviane diziam que a Cozan era uma artista fria, sem relevo no canto e terminavam pelas seguintes palavras: «Eu desejava ver-la no theatro, ella lá sabe porque não apparece, não tem temperamento para isso.» Os amigos da Cozan diziam da Salviane: «A vossa tragica é somente braços e gritos, procurando somente effeitos. Impossivel de cantar com arte um *biel* de Schumann, uma romanza de Mozart ou uma aria de Bach.»

Anna Le Cozan tinha por ella uma geração que ouvira bellas cantoras hoje sem voz ou desaparecidas.

Salviane agrupava á roda do seu talento uma parte da mocidade cheia de musica wagneriana, da qual era a melhor interprete franceza.

De ambos os lados havia parcialidade, ambas tinham talento incontestavel. Mas Anna Le Cozan parecia revelar talento tambem, pois tinha cantado com grandes applausos o primeiro acto da *Alceste*.

O programma do seu proximo recital

era magnifico: *In questa tomba obscura*, *Ah! perfide!* de Beethoven, algumas melodias de Schumann, uma aria das *Bódas de Figaro*, as lamentações de *Orfeo* e *Atravez do Oceano* de Mauricio Fombreuse.

Logo que a cantora disse o programma a Fombreuse, elle ficou muito contente.

— Vejo que se lembra de mim, sr.^a Cozan!

— Quero revelar o seu grande talento.

— Devo o que sei a Steinbaum e a vós.

Elle foi dar parte logo, ao gravador.

— Sinto-me feliz, meu amigo.

Steinbaum ajuntou:

— Não notou que esse concerto se realiza no dia do anniversario do seu nascimento?! Como o amor tem delicadezas!

— O amor, Steinbaum, que entende por isso?

— Meu caro Mauricio, antes de dizer esta phrase pensei-a algumas vezes. O vosso espanto prova-me a lealdade da vossa conducta e impõe-me o dever de vos falar d'um certo assumpto que nunca deu por elle. O meu silencio poderia agravar uma dôr futura.

— O que me diz?! Impossivel!

— Sim, meu amigo, a sr.^a Cozan amo-o e é por isso que ella se interessa tanto pela sua obra.

— Mas nunca a poderei amar. Que situação me veio revelar! Não posso aceitar essa declaração, seria uma traição.

— Nobre escrupulo o seu!

— Mas como veio a conhecer tal segredo?!

Steinbaum contou-lhe a forma como conheceu esse amor, desde a primeira entrevista com Anna e como a certeza lhe nasceu dos seus enthusiasmos e de ter marcado o recital no dia dos seus annos. São pequenos nadas que ficam na sombra mas lançando sempre um raio de luz.

— Porque seria que ella começou a amarme?

(Continúa).



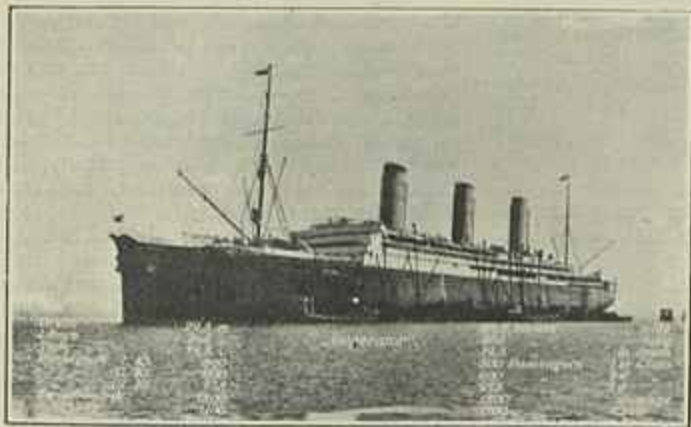
O maior navio do mundo

Foi ha pouco lançado ao mar, dos estaleiros *Vulcan*, em Hamburgo, o grande transatlantico *Imperator*, pertencente á poderosa companhia de navegação a *Hamburgo-America Linie*.

A altura que este colossal navio apresenta fóra d'agua é de 31 metros, ou tanto como a torre do elevador de Santa Justa, e o comprimento de 276 metros corresponde aproximadamente ao de metade da rua Aurea. Regista 50:000 toneladas. As suas três chaminés, mede cada uma 21 metros de altura e têm uma secção elliptica de 9^m × 5^m,5 o que dá um tunel por onde poderiam passar dois comboios a par. As suas helices têm o diametro de 5 metros; o leme pesa 90:000 kilos e tem 5 ancoras á ré e 5 á prôa, a maior das quaes pesa 10:000 kilos.

As suas instalações possuem conforto e luxo que excedem tudo quanto até hoje se tem feito em construção naval. Espaçosos salões, jardins, teatros, piscina de natação, no estilo das de Pompeia, medindo 20^m × 10^m com a profundidade de 3 metros, e cuja agua é constantemente renovada por meio de abundantes cascatas. Uma grande parte dos camarotes são do tamanho dos quartos dos melhores hoteis, com casas de banho independentes, telefone, ventiladores, calefação a vapor e eléctrica. Tem salões de concertos e baile,

O Maior Navio do Mundo



O NOVO TRANSATLANTICO «IMPERATOR»



PISCINA DE NATAÇÃO DO «IMPERATOR»

farmacia, quiosques onde se vendem flores, tabaco, jornaes, livros, etc. Sala de biblioteca onde se encontram obras em todas as linguas. Ascensores elétricos entre os nove pavimentos do navio, e iluminação elétrica de 10:000 lampadas.

Para completa comodidade dos passageiros o navio tem tanques *Frham* que anulam o balanço de bordo e tão seguramente, que as cadeiras não precisam estar presas ao pavimento, sem o menor risco de se deslocarem.

O mobiliário corresponde em arte e luxo ás primorosas decorações do *Imperator*.

Ha a bordo Restaurantes luxuosos como os mais afamados de Paris ou Berlim, para os passageiros que só queiram tomar a passagem e servirem-se das refeições livremente conforme seus habitos.

A compartimentagem deste navio torna quasi impossivel a sua submersão, tendo 36 comportas que se fecham instantaneamente da ponte do comandante por meio de botão elétrico, e um duplo fundo e casco fraccionados em muitas celas. Apesar disto o *Imperator* dispõe, para o caso de sinistro, de vaporsinhos capazes de navegar no alto mar e de transportarem todos os passageiros e tripulantes, tendo ainda cintos de salvação para todos que forem a bordo, e boias luminosas. Para o caso de incendio está prevenido com um corpo de bombeiros e respectivo material.

Esta cidade fluctuante, maravilhosa da construção naval, póde conduzir, devidamente instalados, 800 passageiros de 1.ª classe, 800 de 2.ª, 976 de 3.ª e 1:800 emigrantes; a sua companhia é de 1:196 homens, o que soma o total de 5:572 pessoas.

Este formidavel vapor principiou a construir-se em abril de 1911, logo depois do naufragio do *Titanic* e o seu lançamento agora ao mar constituiu um grande acontecimento na Alemanha, tendo comparecido a ele o imperador Guilherme e todas as notabilidades da marinha, do comercio e das finanças, como motivo de grande interesse nacional.

No mesmo estaleiro onde foi construido o *Imperator*, já se bateu a cavilha doutro maior transatlantico, o *Vaterland*, que deverá deslocar 54:000 toneladas, tendo de comprimento 291 metros.

Até onde chegará esta febre da maravilhosa construção naval!?

O naufragio do *Titanic* occorrido em março de 1911 não amedrontou o espirito empreendedor e progressivo dos nossos tempos, o que se comprova não só com a construção deste novo e colossal transatlantico, mas, ainda mais, com o entusiasmo do publico que acompanha e anima estes progressos da navegação com raro interesse pois que para as primeiras viagens do *Imperator*, já estão tomados os principaes logares de passageiros, pagos por bom preço.

Teatros e animatografos

República

De capote e lenço continúa em pleno successo tendo dado até hoje umas 150 representações.

Não ha exemplo de revista mais engraçada, onde as gargalhadas do publico são continuas e os aplausos constantes a Joaquim Costa, Inacio Alves, Auzenda, Medina de Souza, etc., que todas as noites prodigalizam novidades á numerosa assistencia que consegue obter logar no nosso melhor teatro.

O novo quadro, *40º á sombra*, com 9 numeros de musica, tem agradado da mesma forma.

Apolo

Amor á Solta, basta anunciar-se este «vaudeville» em 3 actos, original francês (genero livre), onde o principal papel está entregue á nossa en-diabrada Angela Pinto, para que o pobre camareiro do teatro Apolo se veja atrapalhado para satisfazer a contento do publico os primeiros lugares na plateia, que todas as noites se vê repleta de espectadores.

As nossas felicitações á Empresa pelo acerto com que tem dirigido e proporcionado ao publico os melhores espectaculos. Tem já anunciadas as primeiras representações do *Hamlet*, sendo o protagonista desempenhado por Angela Pinto, o que vae ser uma surpresa.

Avenida

O 3º é daquelas que se espalham de boca em boca pelo exito que tem alcançado. O publico mantém-se em hilariedade durante a representação desta revista onde todas as noites as ovações são constantes a Etelvina Serra, Amelia Pereira, Isaura Ferreira, Maria Vitoria, Nascimento Fernandes e João Silva, sendo estes dois «confrades» de uma graça inexcédível.

Boa musica, magnifico cenario e um corpo de coristas... que só elas valem a aquisição de um lugar.

Salão Fantastico

Cão que ladra... aumenta constantemente a curiosidade do publico em ver esta revista que, sem pretensões, nos apresenta um magnifico cenario, um apropriado guarda-roupa e uma boa vontade de todos os artistas para o exito que vae alcançando a peça neste teatro popular.

Julia Mendes

Bric-à-Brac: Feira de Agosto sem esta casa de espectaculos é o mesmo que torradas sem manteiga. Por isso os empresarios deste teatro empregam sempre os maiores esforços para apresentar ao publico uma companhia organizada com elementos dos nossos teatros. Musica dos maestros Alves Coelho e Bernardo Ferreira, cenario de Eduardo Reis, taes são os elementos que contribuirão para o successo da revista *Bric-à-Brac* que por muito e muito tempo se conservará no cartaz.

Teatro Novidades

É escova, mais uma revista nos teatros da Feira, posta em cena com boa musica, bom guarda-roupa e salpicada de graça, deve sem duvida continuar a atraír bastante concorrência a este teatro da Feira de Agosto, unica distração do publico de Lisboa.



TIPO DE MULHER DE MONTEMÓR-O-VELHO

Chiado Terrasse

Continua na sua variedade de fitas este elegante salão, o mais comodo e arejado da capital, onde a nossa elite marca o seu ponto de reunião.

Olympia

E' escusado dizer que a empresa deste salão procura por todos os meios tornar este cine o mais aristocratico possivel prestando homenagem aos representantes das nações amigas, organizando concertos e *matinees* que dia a dia mais vão atraindo a concorrência ao salão que, munido de todas as comodidades, oferece ao publico as fitas mais palpitantes em assuntos que muito prendem a atenção dos espectadores.

Salão Central

Todas as noites grande concorrência para este salão onde as sessões são acompanhadas de um magnifico sexteto que, pela escolha e variedade do seu programa, sabe atrair todos os amadores da musica dos melhores compositores, escolhen-

do *films* de arte com que o amor se apresenta em cenas encantadoras.

Salão da Trindade

Na escolha de famosas fitas, está o segredo com que os empresarios deste salão conseguem sempre ver a plateia ornamentada com o que ha mais distinto e elegante no nosso meio.

Salão Foz

Sessões todas as noites com numeros de variedades estando atualmente causando successo a graciosa coupletista Garcia Nuño e as bailarinas Hermanas Oliez. Estreias todas as semanas e fitas variadas nas duas sessões.

Alhambra

Programa repleto de numeros de variedades é o que nos apresenta a empresa deste teatro na feira de Agosto, que se não poupa a esforços e sacrificios para exhibir os melhores numeros de deste genero no seu elegante e comodo salão.

J. S.

Publicações

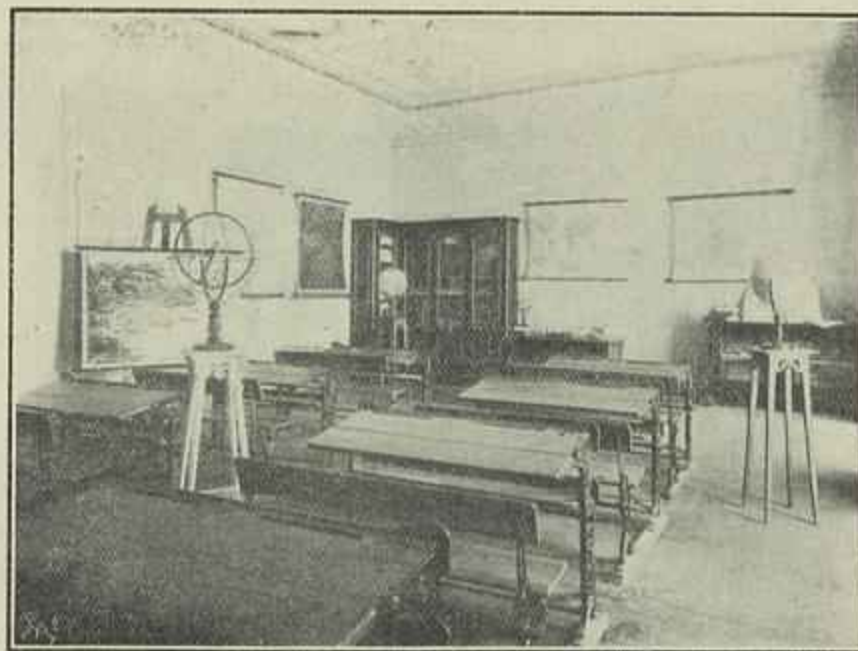
Italia Vitaliani em Portugal. — Opusculo de 20 paginas in-folio dedicado á insigne atriz italiana e editado por Armando de Araujo, impressão da Tipografia Cesar Piloto, rua da Conceição da Gloria, 40 — Lisboa. Depois da capa desenhada por Alonço, segue-se a colaboração literaria de: A. Gil, A. de Araujo, Portugal da Silva, Joaquim Madureira, Alfredo Serrano, Esculapio, Ramada Curto, Carlos Amaro, Eduardo Noronha, Gregorio Fernandes, Alfredo Guimarães, Afonso Vargas, Severo Portela, H. Lopes de Mendonça, José Parreira, Amadeu de Freitas, Antonio Guimarães, Dias de Oliveira, Acacio de Paiva, André Brun, Manuel Neves, Augusto de Castro, Bruz Burity, Santos Tavares e Alvaro Lima. A primeira pagina insere esta dedicatória: «*Aquella* que tem em nossos corações um lugar de honra, para uma saudade bem portugueza; á suavissima *Figura do genio*, num crescendo de admiração; a *Italia Vitaliani*, o simples testemunho desta sincera homenagem do mais puro sentimento, de todo o nosso profundo entusiasmo.

Escola Internacional

INSTITUTO DE ENSINO PRIMARIO E SECUNDARIO

Dedicado á educação de filhos das Ex.^{mas} Familias Africanas e Brasileiras
Cursos especiaes de Commercio e Linguas Estrangeiras

Internato e semi-internato para o sexo masculino
e extenato para os «dois sexos»



Aula de Geographia

53, Rua da Emenda, 53 - LISBOA
TELEPHONE 3653

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Novidades Literarias

- Contos e Digressões**, por Caetano Alberto, 1 vol. ilustrado e cartonado com linda capa completa novidade..... 500
Casa Submarina, por M. Pemberton, romance no genero de Julio Verne, Vol. ilustrado e com capa a cores..... 300
Na Empresa do Occidente e nas principaes livrarias

CONTRA A TOSSE

LABORE PEITORAL
JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C., Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaç por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais dobeis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 - LISBOA

Cada pacote de 250 grammas. 200 réis
Cada lata " " " " 240 " "

A' venda em todas as pharmacias